

Aprendizagem

Foi nomeada recentemente uma comissão, a qual se cometeu o encargo de estudar e propor ao Governo as medidas convenientes para se regular, disciplinar e aperfeiçoar a aprendizagem do trabalho.

Na Idade-Média (essa tão «malfadada» Idade-Média), o aprendiz era apresentado ao Conselho dos Mestres da Corporação pelos seus pais. Ali, diante destes, o patrão comprometia-se a cumprir para com o novo aprendiz todos os seus deveres sociais e morais, assumindo o encargo de velar por ele como seu filho fôsse. Este acto revestia sempre grande solenidade, cerimónia impressionante para o adolescente, a revelar-lhe a importância da sua aprendizagem.

Com o «progresso» e o desenvolvimento da técnica, no dia de hoje, a grande maioria dos jovens trabalhadores, mal sai da escola primária, entra sem a menor garantia e sem a menor transição na oficina, na fábrica, nas minas ou nos escritórios.

Os poderes públicos têm-se mostrado insensíveis perante este problema gravíssimo, que lança a mocidade trabalhadora em inumeráveis perigos de corrupção física e moral, sem procurar sequer dar estímulo às iniciativas privadas que tentam atenuar de qualquer maneira a tragédia da juventude assalariada.

Certos patrões, que recebem ao seu serviço rapazes de 12 ou 14 anos, precisamente na idade em que a educação mais necessária se torna, parece não se preocuparem nada com o futuro social nem moral do seu jovem operário, conhecendo-o apenas pelo salário que lhe paga.

Os pais, eles próprios, que constituíram o seu lar sem que ninguém lhes tenha feito compreender a responsabilidade individual e social que assumiram com a geração, permanecem a maior parte das vezes inconscientes das ruínas que ameaçam os seus filhos, dia e noite longe de qualquer vigilância na idade perigosa da puberdade, como se fôsem hóspedes em casa de seus pais.

Os trabalhadores mais velhos, já corrompidos, não só não procuram orientar a inexperiência dos aprendizes, como são muitas vezes os primeiros a levá-los para as tabernas, para os lugares de corrupção, onde aprendem todos os vícios e onde gastam os seus salários.

E assim cresce a geração de amanhã, sem que, ao menos, o interesse nacional desperte nos responsáveis aquele movimento de compaixão saído um dia do coração de Cristo: tenho pena desta multidão de rapazes e raparigas atirados sem defesa para a voragem da perdição.

Sob o ponto de vista profissional, nenhuma preparação os conduz à oficina. As crianças deixam definitivamente a escola primária sem que os pais nem os professores lhes tenham dado uma concepção social concreta e adaptada do trabalho. Ficam a saber o nome de todos os rios e regatos do território nacional, as capitais de todos os países do mundo, as principais produções de todas as nossas ilhas e colónias — coisas que de nada lhes servirão para a vida — mas ignoram em absoluto os direitos e os deveres do trabalhador, a necessidade do esforço colectivo, o valor social do seu trabalho, as regras fundamentais para evitar os acidentes de trabalho, para se prevenir contra as doenças profissionais, as normas de procedimento para com os seus irmãos de trabalho, os seus chefes, a sua organização profissional.

A aprendizagem técnica não existe sequer. O aprendiz não é acompanhado, nem estimulado, nem vigiado, nem finalmente aprovado. Ordinariamente inicia-se ele próprio no seu ofício como auxiliar ou servente de um operário mais velho. E' ao seu

segredos do seu novo ofício. Com o desejo do ganho, procurará mudar o mais rapidamente possível de patrão. Para passar depressa a meio-official, ocultará a sua idade, informará exageradamente dos seus conhecimentos e dos seus salários anteriores.

Aliás a sua entrada na vida profissional é feita ao acaso, sem nenhuma orientação que lhe permita a escolha da profissão mais adaptada às suas qualidades pessoais, aos seus gostos, às suas melhores possibilidades de trabalho e de rendimento económico. Nestas condições, só excepcionalmente poderá vir a ser aquêle operário especializado de que carece a nossa indústria para concorrer com o estrangeiro, e poder pagar bons salários.

E o ensino profissional? Porventura aprende nêlo o jovem trabalhador a honra da sua profissão, as suas

tradições artísticas, a honestidade profissional, o zelo pela boa qualidade dos produtos, o cuidado de economia da matéria prima, o respeito pelo material e pelas máquinas, a preocupação do rendimento e do preço do custo, a solidariedade na previdência, na assistência mútua, na vida sindical?

A disciplina que deveria ocupar na vida do trabalhador um lugar de compreensão moral e económica, aparece-lhe a êle, sem compreensão do seu valor social como um mecanismo de repressão, de brutalidade e de força, contra a qual se revolta.

A honra do trabalho não existe, o brio profissional desapareceu, por que o jovem trabalhador, sem preparação intelectual, nem moral, nem técnica para o trabalho, entra na oficina ou no escritório com a única preocupação de ganhar dinheiro, seja de que maneira fôr.

O interesse nacional, mais ainda do que o próprio interesse económico, reclamam há muito uma regulamentação conscienciosa da aprendizagem, começando pela reforma do ensino primário, e terminando pela melhor adaptação do ensino profissional. Nisto deverá certamente o Estado dispender importantes somas, não só com a preparação de professores competentes, como também com o desdobramento de escolas, montagem de novos centros de ensino, etc. Mas é dinheiro dispendido em sementeira que promete abundante e remuneradora colheita.

Oxalá do estudo agora mandado fazer surjam as condições duma vida nova que, salvando os jovens trabalhadores da ruína moral, profissional e social, deem à Pátria uma futura geração operária consciente do seu valor e da sua fundamental importância na vida económica e política da Nação.

ABEL VARZIM.

7945-02-04?

E
g
d
o
d
t
li
n
u
m
c
p
o
d
f
l
s
s
c